

# Lazer, leitura de romances e imaginário

Lígia Maria Moreira Dumont\*

*Reflexões sobre o imbricamento entre a leitura de romance, o lazer e os desdobramentos que estes podem exercer sobre a soltura do imaginário nos seus leitores. Apresenta uma classificação das diversas atividades de lazer e conclui que, mesmo através da leitura descontraída de um romance, o leitor está incorporando informações que podem ser utilizadas posteriormente, de acordo com a sua subjetividade e o momento vivido.*

117

Lazer. Indubitavelmente, a ação de ler romances é uma atividade de entretenimento, e nisto concordam os estudiosos da leitura, bem como os próprios leitores. Nas pesquisas específicas sobre o tema, depoimentos indicam que o primeiro motivo alegado para ler romances é a distração. Aparentemente, é uma ação até mesmo trivial, que se desenvolve com natural simplicidade; mas é necessário alertar que existem diversos e às vezes decisivos componentes sociais na livre opção de uma atividade de lazer. Assim, serão salientados, primeiramente, alguns fatores relacionados com o papel que o lazer tem, ou exerce, na vida das pessoas e como se estabelece na sociedade.

A concepção do lazer, tal como hoje é visto, possui traços específicos e característicos da civilização industrial e pós-industrial. É evidente que o lazer sempre foi concebido como uma atividade fora do tempo de trabalho, mas a idéia de atividade no tempo desocupado que complementa e compensa o indivíduo, correspondendo a uma liberação periódica no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho, só advém do final do século passado. Anteriormente, o lazer se confundia com a faina diária e duas condições na vida social tiveram de realizar-se a fim de que se estendesse para a maioria dos indivíduos: as

atividades da sociedade não mais serem reguladas em sua totalidade por obrigações rituais, impostas pela comunidade, e o trabalho profissional destacar-se das outras atividades, ou seja, possuir um limite arbitrário, não determinado pela natureza. (DUMAZEDIER, 1979).

Na tentativa de definir lazer, aparece a primeira dificuldade (ou complexidade): como atividades a princípio tão diversas podem exercer a função única de lazer? Dumazedier propõe quatro grandes conjuntos de atividades, provenientes das definições correntes do lazer na sociologia: o trabalho profissional, as obrigações familiares, as sócio-políticas e as atividades exteriores às obrigações institucionais

\* Professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Doutora em Comunicação.

+  
+  
+  
+ orientadas prioritariamente para a realização pessoal. Pode-se depreender que o lazer associa-se a outras atividades normalmente tidas como obrigações, ou seja, como parte do desenvolvimento do trabalho ou de obrigações familiares. Na verdade, as reações estão intimamente imbricadas, sendo impossível delimitar onde começa ou termina a intenção e o efeito; por exemplo, uma determinada ação, a princípio direcionada para o trabalho, pode ter seu efeito traduzido em lazer. Transpondo ao caso específico da leitura: ao se buscarem informações para o trabalho através de um texto, alguém pode estar concomitantemente se informando e se divertindo. Evidentemente, o contrário também é possível: ao ler um romance para passar o tempo, o leitor pode estar recebendo informações úteis às suas relações de trabalho e à sua vivência.

+  
+ O autor apresenta os traços constitutivos do lazer na sociedade contemporânea, o que permite estabelecer a extensão, os limites e a estrutura do conceito, ressaltando que o lazer pode ter muitas outras propriedades e funções, uma vez que se trata de um fato social, ligado a todos os outros. Mas quatro características são essenciais ao conceito de lazer:

- 118
- a) *caráter liberatório*: o lazer é liberação de um certo gênero de obrigações, evidentemente submetido, como todos os outros fatos sociais, aos determinismos da sociedade, das relações sociais;
  - b) *caráter desinteressado*: o lazer não está fundamentalmente submetido a fim lucrativo algum. Quando obedece parcialmente a determinismos sociais, a um determinado fim lucrativo, utilitário ou engajado, torna-se um lazer parcial. Tudo ocorre como se o círculo das obrigações primárias interferisse com o círculo das obrigações de lazer, para produzir, na interseção, o semi-lazer;
  - c) *caráter hedonístico*: condição primeira do lazer, onde se busca um estado de satisfação, tomado como um fim em si mesmo. A procura do prazer, da felicidade ou da alegria é um dos traços fundamentais do lazer na atual sociedade;
  - d) *caráter pessoal*: sem dúvida alguma, o lazer completo é aquele que satisfaz aos três objetivos abaixo, que se encontram em estreita inter-relação:
    - oferecer às pessoas a possibilidade de libertarem-se das fadigas físicas ou nervosas, através de um poder de recuperação ou ensejo de flanação;
    - oferecer a possibilidade de a pessoa libertar-se do tédio cotidiano, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento, autorizado ou não pela sociedade;
    - permitir que o sujeito se livre das rotinas e dos estereótipos impostos pelo dia-a-dia, abrindo caminho para uma livre superação de si mesmo.

Segundo DA MATTA (1990) nas sociedades capitalistas ocidentais as pessoas transitam entre dois mundos: o da rua e o da casa. Nesse estudo de sociologia comparada centrado nas relações entre valores e ideologias, tempo e espaço do mundo cotidiano, o autor explica que um mundo se opõe ao outro, uma vez que a casa reflete controle, autoritarismo, enquanto o mundo da rua significa descontrole e massificação. A casa é a harmonia e a calma, a rua significa a novidade, a ação, local onde a regra básica é o estado de alerta e as pessoas tendem a estar em constante

luta contra todos. Resumindo: a rua significa o trabalho e a casa o descanso, dois pólos divergentes entre os quais o homem transita num vai e vem cotidiano. Projetando a proposta de Da Matta para o enfoque deste artigo, pergunta-se: qual seria o lugar da leitura nesses dois mundos?

Na sociedade ocidental, cada dia mais espaço e tempo se apresentam de modo individualizado. Não se pode confundir o espaço da casa e da rua, pois cada um desses lugares tem suas leis, prioridades e uma hierarquia própria. Poder-se-ia considerar a casa, enquanto esfera privada e espaço individual como o local privilegiado para o desenvolvimento da leitura descomprometida, de lazer; isto de maneira simbólica porque, apesar de a casa ser o local preferido para se desenvolver a leitura de descontração, sabe-se que esta também acontece em espaços públicos. Quanto à rua - esfera pública - representaria a leitura para se adquirir conhecimentos, para estudar e para ficar em dia com os acontecimentos. Como o sujeito transita entre esses dois espaços incessantemente, o mesmo sucede com as informações adquiridas tanto num espaço como no outro, pois embora sejam espaços bem distintos, as fronteiras entre eles são fluidas em alguns momentos.

O mesmo acontece com a circulação da cultura. Segundo CHARTIER (1990, p.134), os espaços sociais estratificados existem, *mas não são estanques e provocam, então, o fenômeno da circularidade da cultura. “Deixou de ser sustentável estabelecer correspondências estritas entre clivagens culturais e hierarquias sociais, relacionamento simples entre objetos ou formas culturais particulares e grupos sociais específicos.”* Para o autor, é necessário reconhecer as circulações fluidas, as práticas partilhadas que atravessam as barreiras sociais, pois são numerosos os empregos populares de objetos, de idéias e de código não considerados como tais e já se torna tardia a rejeição, pelos dominantes, das formas enraizadas da cultura comum.

*“Por outro lado, também não parece ser possível identificar a absoluta diferença e a radical especificidade da cultura popular a partir de textos, de crenças, de códigos que lhe seriam próprios. Todos os materiais portadores de práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenções e tradições, cultura letrada e base folclórica. [...] Por ignorar empréstimos e intercâmbios, por mascarar a multiplicidade das diferenças, por determinar a priori a validade de uma delimitação que está precisamente por estabelecer, o conceito de cultura popular ó que esteve na base dos primeiros e pioneiros estudos sobre o livro de venda ambulante ó deve ser agora posto em dúvida.” (p.134-135)*

Também SODRÉ (1983) levanta, para o conceito de cultura, inúmeras acepções atribuindo-as à existência de uma espécie de ‘passe-livre’ para essa palavra, que perpassa todos os estratos sociais, carregando consigo as ideologias de interesse do contexto onde é empregada. MARTELETO (1994, p.115) complementa a afirmativa de Sodré, interpretando os vínculos simbólicos e materiais que as sociedades estabelecem com a realidade.

*“Estes, abrem o caminho para se entrever um segundo plano de estudo da cultura, como produto construído coletivamente pelos sujeitos sociais, através de suas a es e representa es, as quais, num sentido moderno, são práticas de informa o.”*

A *publiciza o da cultura*   quando esta assume um caráter público, transformando-se em informa o, em vários sentidos e com diferentes desdobramentos. Esta no o de *cultura mercadoria*, ou informa o mercadoria, não possui territórios, circula em e entre todas as sociedades.



Com isso deve-se também pôr em dúvida a área da circulação da palavra delimitada a uma cultura minoritária e reservada. Estendendo o fenômeno descrito por Chartier da circularidade da cultura, vê-se que também existe o fenômeno da circularidade da leitura. Desde que se passou a questionar a abordagem da divisão compartimentada de aquisição e circulação da cultura, a oposição radical entre popular e letrado vem perdendo pertinência entre os pensadores das áreas afetadas, de alguma forma, pelos fenômenos sociais.

A circularidade da cultura e da leitura entre os mundos da casa e da rua, ou da esfera privada e pública, remete a outra inevitável circularidade, a que se processa no ato da leitura de romance: onde entra a leitura, onde se passa para a fantasia, ou mesmo, quando a fantasia entra na realidade.

Seria interessante discorrer sobre as formas de lazer que, de alguma forma, se relacionam com o microcosmo da mulher — o maior público leitor de romances é do gênero feminino — que não exerce um trabalho fixo e que reside na periferia de grandes centros urbanos, situação ainda comum. Certamente é necessário iniciar pelo lazer familiar da mulher que permanece em casa para cuidar dos filhos e do lar. Não se pode dizer que esta seja uma opção da maioria dessas mulheres, embora muitas pessoas achem as atividades da vida familiar muito prazerosas. Poder-se-ia dizer que, em alguns casos, existe a possibilidade de um semi-lazer, no desenvolvimento de atividades de recreação com os filhos, de criatividade manual ou mesmo de sociabilidade e participação política com os vizinhos.

No que se refere ao trabalho, existem fatores que se relacionam intrinsecamente com o lazer, oferecendo um certo prazer a quem trabalha: a satisfação profissional, o convívio e a sociabilidade com os colegas, a satisfação do trabalho concluído e a participação em lutas sindicais. Já no caso de mulheres que não trabalham fora e moram na periferia, é comum ajudarem no faturamento familiar com atividades de encomenda artesanais, tais como costura, fornecimento de salgadinhos e doces, atendimento no pequeno salão de beleza nos fundos ou em um cômodo da casa, podendo-se inferir que elas estão tendo um retorno satisfatório (ou semi-lazer) por estarem desenvolvendo atividades artesanais, em casa, perto da família, podendo interromper o trabalho, quando necessário, uma vez que atender os filhos é atividade prioritária.

FRIEDMANN (1983), que desenvolveu suas pesquisas sobre o lazer contrapondo-o ao trabalho em comunidades operárias que desenvolvem tarefas não-qualificadas ou semi-qualificadas, afirma que o lazer, para estas pessoas, se restringe praticamente a atividades consideradas como evasão ao trabalho rotineiro. A insatisfação no trabalho, consciente ou não, exerce uma ação permanente sobre a vida fora dele, uma vez que se traduz por fenômenos de evasão para atividades laterais. Trata-se de distrair a si próprio, de seu tédio. O autor lembra ainda que são muito raras as instituições públicas ou privadas que colocam equipamentos culturais ou de lazer à disposição ou ao alcance dos operários, em grandes centros urbanos.

Quanto à relação entre os interesses de lazer e o setor intelectual, há um consenso entre os estudiosos de que ele se processa principalmente através de ações ligadas à leitura. Encontrar informação em revista, romance ou jornal corresponde ao desejo de saber mais sobre determinado assunto e posterior satisfação de matar a curiosidade. Além da leitura, o ganho de conhecimento também pode ser fonte de

prazer, através do exercício da sociabilidade, tal como um bate-papo com amigos, colegas ou familiares. Não se pode esquecer também da mais difundida fonte de transmissão de informações, que se estabelece, atualmente, através da recepção de programas de rádio e televisão.

Um outro aspecto importante, focado por DUMAZEDIER (1979), FRIEDMANN (1983) e por CAMARGO (1986), é a questão dos grandes espaços urbanos e sua precariedade em relação aos equipamentos culturais e de lazer, que se agrava pela estratificação das classes econômicas; ou seja, à medida que os grupos se distanciam do centro urbano vão-se tornando gradativamente mais carentes sócio-economicamente. Para piorar essa realidade, acrescenta-se o fato de serem esses espaços habitados por alguns dos segmentos tidos como desprivilegiados: crianças, idosos e mulheres, que não trabalham e que dificilmente saem do seu microcosmo. O principal local de lazer dessas pessoas é o espaço doméstico e a vizinhança. Daí, pode-se deduzir que o lazer privativo, desenvolvido, sem parceria - como a leitura, por exemplo - torna-se uma forma privilegiada de lazer entre essas pessoas. Depois dos meios eletrônicos, da convivência familiar e circunvizinha, a leitura torna-se uma forma de lazer *acessível* para as populações carentes, embora exista um fosso entre esta última e as duas primeiras. À dificuldade para adquirir ou ter acesso a material de leitura, acrescenta-se o problema do alto nível de semi-analfabetismo dessas comunidades; mesmo superado esse fator, a motivação e o gosto pela leitura se efetivam com muito mais dificuldade entre as comunidades, onde tradicionalmente não são cultivados. Para piorar ainda mais a situação, constata-se um velho determinismo social, segundo o qual a leitura é rotulada como se fosse direcionada a pessoas estudadas, letradas, ou seja, reforça-se a questão do status, do sectarismo, do compartimento estanque do que é popular e do que é nobre. Assim, além de serem excluídas das possibilidades dignas de trabalho e de habitação nas cidades, as comunidades carentes o são também de muitas formas de lazer. Preços muitas vezes proibitivos frustram o que é alardeado para todos em campanhas publicitárias da mídia, tornando bens e prazeres inacessíveis à maioria da população.

Os requisitos para a cidadania se ampliaram e à comida, educação, saúde e habitação acrescentaram-se os direitos à cultura e ao lazer, uma vez que são também necessidades básicas de um sujeito o sonho e a alegria.

De acordo com CAMARGO (1986), os determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos pesam sobre todas as atividades do cotidiano e a consequência disso é que o grau de liberdade nas escolhas dentro do lazer, que deveria ser total, fica por eles tolhida. Segundo esse autor, o conceito de lazer é sempre liberatório de obrigações: busca compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõe.

Um dos principais motivos para leitura de romances apontado por todos os estudiosos e pesquisadores é a liberação do espírito que transcende para outro contexto, num verdadeiro escape; a catarse para compensar as dificuldades e frustrações do dia-a-dia. Portanto, falar sobre o lazer de populações carentes, providas apenas com os recursos materiais mínimos para subsistência, tendo como referencial o conceito de lazer, que deve ser composto de atividades prazerosas, voluntárias e liberatórias, delinea um quadro bastante restritivo, em virtude dos modelos sociais impostos à sociedade ocidental contemporânea. Acrescenta-se que o lazer deve realizar-se em tempo livre, muitas vezes roubado da jornada doméstica ou de trabalho.



Na sociedade brasileira, em que as leis de mercado padronizam bens e serviços de lazer, torna-se patente que os lazeres populares ficam muito tolhidos, predominando pouco a criatividade e a invenção.

Atualmente, o entretenimento foi transformado, pela indústria de consumo, em necessidade vital para o homem da cidade. Além de fazer parte dos valores difundidos pela sociedade, tornou-se absolutamente necessário ao público urbano, como forma de compensar a tensão do dia em atividades relaxantes, agradáveis e sem compromisso, visando recompor as energias para a faina, frustrações e correrias diárias da sociedade urbana. A leitura se encaixa bem nessa proposta: permite uma espécie de fuga, atendendo os pré-requisitos citados; principalmente os romances, a ficção, propiciam devaneios normalmente muito agradáveis. As pesquisas, em geral, indicam que é pequena a parcela da população que desenvolve o hábito de ler, mas ressaltam que, ao se consultarem os catálogos das principais editoras, bem como as resenhas e listas de livros mais vendidos, verifica-se que mais da metade das publicações classificadas como *literatura geral* constitui-se de ficção e, entre estas, a maioria é composta de romances; portanto, a produção romanesca impulsiona inegavelmente o mercado livreiro, o que também pode ser comprovado pelas listagens de livros mais vendidos, onde é comum a liderança dos romances taxados de *best-sellers*.

### Considerações finais

Sabe-se que a leitura de romances está intrinsecamente ligada a três pólos da vida psíquica: o real, o simbólico e o imaginário. Desenvolvida pelo estímulo de atividades lúdicas, a imaginação é tida hoje como um dos componentes mais importantes da aprendizagem. Transpondo essa realidade para o processo da leitura de romances, deduz-se que pode existir algum aprendizado, pois trata-se de uma atividade prazerosa, que induz o espairecer, o divagar. O processo se fecha sob a hipótese de que algum aprendizado pode retornar à psique do sujeito, pelo estímulo de sua imaginação. Mesmo em se tratando de ficção, os romances utilizam-se de critérios para que o discurso seja o mais natural possível e a ficção seja entendida como uma ferramenta que possibilita o esclarecimento da realidade. As situações retratadas reproduzem sempre cenas que se encontram nos limites entre a ficção e a vida real e o seu leitor pode identificar fatos e heróis do seu cotidiano, ou do imaginário de domínio público. Sem dúvida, há uma entropia do mundo real, onde acontecem as experiências do sujeito com o da ficção, que, por sua vez, baseia-se e busca inspiração no mundo real. ECO (1994) afirma que a ficção se apoia *parasiticamente* na realidade tomada como seu pano de fundo. Para ele isso seria simples, se não houvesse o *dogma da suspensão da descrença*, segundo o qual podem-se suspender umas informações transmitidas e outras não, uma vez que as fronteiras entre aquilo em que se deve ou não acreditar são muito ambíguas. Parece que é exatamente esse território difuso, onde se amalgamam dados reais e ficcionais, que torna infinito o potencial da ficção, na medida em que trabalha com indivíduos, atributos e acontecimentos da vida real. O universo da história não termina, portanto, na última linha do livro, pois pode continuar indefinidamente e de forma criativa no pensamento do leitor.

